

11. CÂNTICOS OFICIAIS E POPULARES DO FUTEBOL DE ANGOLA E MOÇAMBIQUE

*Elcio Loureiro Cornelsen
Gustavo Cerqueira Guimarães*

O futebol e seus cânticos: introdução

O estudo do desporto diz muito sobre as características dos países africanos.

Francisco Nascimento e Andrea Marzano

A relação entre futebol e música é secular, suas raízes remontam aos primórdios do esporte bretão. Se pensarmos no berço do esporte ocidental, a Grécia Antiga, constataremos que, já naquela época, as Odes de Píndaro dedicadas a campeões olímpicos dão testemunho de futuras possibilidades de tal relação (PÍNDARO, 2016). Cabe ressaltar que, enquanto composição poética, originalmente, a ode podia ser cantada ou declamada, o que atesta também, no caso das Odes de Píndaro em questão, a relação entre esporte, música e poesia.

Além disso, as odes pertencem ao discurso laudatório. Etimologicamente, o termo latino *laudatio* significa “elogio” ou “panegírico”, que, na Grécia Antiga, era pronunciado em reuniões

e festividades, um discurso marcadamente de exaltação e de louvor. Sem dúvida, os cantos religiosos medievais, parte constitutiva da hagiografia (CORNELSEN, 2011, p. 130), também contribuíram para a formação de um rico cancionário, o qual inspirará a composição de hinos em contextos laicizados, principalmente com o advento do Estado-Nação moderno, na segunda metade do século XIX, e a criação de toda uma simbologia evocada na construção identitária:

Por definição, hino (do grego: *ῥυμος hymnos*, “estrutura sonora”) é uma composição poético-musical de louvor ou exaltação. O hino é expressão de entusiasmo elevado, originalmente, um poema ou cântico de veneração ou louvor à divindade, portanto, de cunho religioso, escrito especificamente para louvor ou adoração tipicamente endereçado a deuses e heróis (CORNELSEN, 2014b, p. 108).

Transposto para o âmbito do esporte em geral e do futebol, em especial, ainda nos dias de hoje, tal discurso laudatório se materializa mundo afora nos cânticos – hinos de clubes e cantos das torcidas. Em geral, podemos identificar em suas letras “componentes líricos (a forma poética propriamente dita), épicos (elementos que alimentam o mito em relação à determinada agremiação, como alusão a símbolos, conquistas, virtudes etc.) e dramáticos (as marcas textuais que denotam afetividade, apelo à fidelidade, emoção e louvor em relação ao clube)” (CORNELSEN, 2014a, p. 42).

Neste breve estudo, dedicar-nos-emos à análise de hinos e cânticos de futebol em Moçambique e Angola, ex-colônias portuguesas na África. Para tanto, tal estudo demandará uma contextualização a respeito do futebol em ambos os países, a fim de situá-lo enquanto manifestação cultural que, inegavelmente, está associada aos processos colonizatórios e civilizacionais aos moldes ocidentais. Como bem aponta o sociólogo britânico Richard

Giulianotti (2010, p. 13), “qualquer análise do esporte africano precisa estar a par das histórias coloniais e neocoloniais em relação à chegada e à difusão das tradições esportivas na África”.

Conforme os historiadores Francisco Nascimento e Andrea Marzano ressaltam,

poucos historiadores, sociólogos e antropólogos têm se dedicado à análise do esporte no continente como um todo, o que se explica, em parte, pela ideia de que tal estudo não pode contribuir para solucionar os graves problemas da África. Quando avaliamos a produção específica sobre o esporte em países africanos de língua oficial portuguesa, a escassez é ainda mais evidente. Mesmo em Portugal, onde o caráter de antiga metrópole é responsável pelo maior volume de pesquisas sobre as ex-colônias, apenas recentemente as práticas esportivas têm sido alvo de investigações sistemáticas (NASCIMENTO; MARZANO, 2013, p. 2).

Nos últimos anos, felizmente, esse quadro tem mudado. Nosso estudo se propõe, justamente, como uma contribuição para os estudos da relação entre futebol, linguagem e artes em países africanos de língua portuguesa.

Futebol em Angola: um panorama

De acordo com Richard Giulianotti (2010, p. 16), “o elevado status do esporte entre regimes coloniais africanos garantiu que ele desempenhasse uma posição chave na luta de movimentos anticoloniais e nacionalistas”. E como aponta a antropóloga húngara Bea Vidacs (2010, p. 48), “especialmente o futebol se tornou um local de resistência e de desafio aos colonizadores”. No caso de Angola, isso não foi diferente.

A fundação dos primeiros clubes de futebol em Luanda, segundo a historiadora Andrea Marzano, remonta às três primeiras décadas do século XX, entre eles, o Grupo Nacional de Football,

em 1913, o Sporting Club de Luanda, em 1920, o Império Football Club, em 1921, o Sport Lisboa e Luanda, em 1922, e o Operário Football Club, em 1922 (MARZANO, 2010, p. 79). Uma primeira organização do futebol na cidade teria sido levada a cabo com a fundação da Liga de Football de Luanda, em 1914. Todavia, devido a atos de violência em jogos e a questões de arbitragem, e também à crescente distinção entre equipes de colonos e de angolanos, em 1926, seria fundada a Associação de Football de Luanda como uma dissidência da Liga, sendo ambas unificadas no mesmo ano pela Federação Desportiva de Luanda (MARZANO, 2010, p. 91-94).

Além disso, na primeira metade do século XX, o cenário do futebol em Angola era marcado também por questões raciais. Segundo o cientista político Jonuel Gonçalves (2010, p. 138), “os primeiros clubes angolanos foram fundados por imigrantes portugueses com quem esses imigrantes simpatizavam”, o que acabou por gerar práticas segregacionistas. De acordo com o historiador Marcelo Bittencourt, havia os chamados “clubes de brancos”:

Nessa categoria estariam o Sport Luanda e Benfica, o Futebol Clube de Luanda e o Sporting Clube de Luanda, espécies de filiais dos respectivos clubes metropolitanos, Benfica, Porto e Sporting [...] Esses clubes não admitiriam jogadores negros em seu plantel até meados da década de 1950. E mesmo jogadores de futebol mestiços só seriam aceitos nos fins da década de 1940. Curiosamente, na metrópole os clubes de futebol já aceitavam jogadores mestiços e negros desde os anos 1940 (BITTENCOURT, 2010, p. 104-105).

Todavia, como aponta Marcelo Bittencourt, o discurso colonialista português mudaria, significativamente, à luz do chamado “lusu-tropicalismo” freyriano: “Portugal, a partir dos anos 1950, percebendo o cenário político internacional e a chegada do vento das descolonizações, passa a defender que não tem

colônias na África, mas sim Províncias Ultramarinas, alterando tal nomenclatura em sua legislação” (BITTENCOURT, 2010, p. 107-108). De acordo com o historiador Marcos Cardão (2019, p. 2),

Gilberto Freyre, um conhecido sociólogo brasileiro, cunhou o conceito de luso-tropicalismo depois de viajar pelas colônias portuguesas no início dos anos 1950, a convite do ministro do Exterior de Portugal. Sua afirmação básica era que os portugueses eram definidos por sua “inclinação, ausente em outros europeus mais expansionistas, de viver, amar, gerar e criar filhos nos trópicos, socializando com mulheres, homens e valores tropicais, em vez de simplesmente explorar os homens, exterminando os valores ou estuprando as mulheres nas terras que conquistaram”.¹

Não é por acaso que, assim como ocorrera com jogadores moçambicanos, alguns jogadores angolanos se destacaram no cenário do futebol em Portugal, como parte dessa mudança aparente na política colonial. “Nos anos 1950, futebolistas como Peyroteo e Águas chegaram à seleção portuguesa, e Óscar, Fernando Mendonça e Eduardo Santos, mesmo sem terem entrado na seleção, afirmaram-se em Portugal. Nos anos 1960 foi a vez de Chipenda, Jacinto João, Inguila e Diniz” (GONÇALVES, 2010, p. 140).

Todavia, na contramão do discurso pautado pelo “luso-tropicalismo”, em certa medida, o âmbito do futebol oferecia também espaço para resistência à política colonial e para luta pela futura independência de Angola. Um caso típico de tal atuação, apresentado por Marcelo Bittencourt, é o do Botafogo, cuja sede era

¹ Gilberto Freyre, a well-known Brazilian sociologist, coined the concept of Luso-tropicalism after traveling through the Portuguese colonies in the early 1950s, by invitation of Portugal’s overseas minister. His basic claim was that the Portuguese were defined by their “inclination, missing in other more expansionist Europeans, for living, loving, bearing and rearing children in the tropics, socializing with tropical women, men and values, rather than simply exploiting the men, wiping out the values, or raping the women in the lands they conquered”.

localizada em área periférica de Luanda, marcadamente habitada por locais: “É assim que o Botafogo vai se transformando em um local de encontro, de discussão política e até mesmo, para alguns de seus adeptos, em local de conscientização política e trabalho clandestino” (BITTENCOURT, 2010, p. 115). Ao lado do Botafogo, fechado em 1961 por ordem do governo colonial, o Clube Atlético de Luanda, fundado em 1924, seria rotulado, nos anos 1960, através do viés colonialista como “clube dos terroristas”, “pelo fato de por ele terem passado alguns dos futuros dirigentes da luta anticolonial” (BITTENCOURT, 2010, p. 105).

Por sua vez, o período de transição entre o fim do domínio português e a independência produziu mudanças profundas no cenário esportivo angolano, em especial no âmbito do futebol:

A retirada, em 1975, de dirigentes, técnicos e atletas, conduziu ao abandono de instalações e paralisação seguida de desaparecimento dos clubes onde a presença portuguesa era largamente majoritária. Resistiriam clubes com maioria de dirigentes e atletas angolanos ou clubes com alguns dirigentes angolanos e bastantes praticantes nacionais. Nos casos em que se tratava de clubes filiais de portugueses, procedeu-se a mudança de nome (por orientação governamental). Sem esperar por essa orientação, o Portugal de Benguela rebatizou-se de Nacional (GONÇALVES, 2010, p. 145).

Todavia, segundo Jonuel Gonçalves (2010, p. 145-146), “no ano de 1975 e começo de 1976, a atividade desportiva organizada quase não existia a nível local e não existia de forma alguma a nível nacional. A razão era a situação de guerra que atingiu fortemente tanto as cidades como as zonas rurais”. Neste ponto, cabe uma informação importante sobre as disputas nacionais. O campeonato nacional de futebol em Angola, mais conhecido por Girabola ZAP, organizado pela Federação Angolana de Futebol, foi interrompido entre os anos de 1975 e 1979.

Aliás, o termo “Girabola”, segundo o jornalista Betumeleano Ferrão, remonta ao ano de 1972 e teria sido cunhado pelo jornalista e radialista esportivo Rui Carvalho como substitutivo ao nome oficial da competição, denominada de “Campeonato do Estado Ultramarino de Angola”, disputado de 1941 a 1975, e que também fora designado anteriormente como “Campeonato Provincial de Angola”. Assim, o termo “Girabola” tornou-se “uma forma sutil de protesto anticolonial” (FERRÃO, 2011).

Cabe ressaltar também que um decreto baixado pela Secretária de Estado da Educação Física e Desportos (SEEDF) em janeiro de 1980 determinou que todos os clubes, cujos nomes remontassem à era colonial, mudassem de denominação. Atendendo a tal decreto, o Sporting de Luanda alterou o seu nome para Leões de Luanda, o Benfica do Huambo assumiu a designação de Mambrôa, enquanto o Benfica do Lubango adotou o nome Chela, segundo Betumeleão Ferrão (2011), “numa clara alusão [às] serras da cidade”.

No processo de reestruturação esportiva do país, em 1979, foi criada a Federação Angolana de Futebol (FAF), filiada à FIFA em 1980. Segundo Jonuel Gonçalves, de início, seis equipes têm se destacado das demais:

Ao mesmo tempo, afirmaram-se os clubes com mais suporte financeiro e/ou administrativo: o Primeiro d’Agosto, clube das [F]orças [A]rmadas pelas vantagens que oferecia aos jovens em idade militar, vantagens apreciáveis se nos lembrarmos que o país estava em guerra; o Petro Atlético, graças ao patrocínio e importantes investimentos da Sonangol, maior empresa produtiva de Angola; o Primeiro de Maio de Benguela, enquanto a empresa África Têxtil teve força; o Sagrada Esperança do Dundo, clube ligado à companhia diamantífera; o Inter Clube, pertencente à polícia e o ASA, dependente da companhia aérea TAAG (GONÇALVES, 2010, p. 147).

Nos cenários continental e mundial, o futebol angolano também tem se feito presente, tanto pela participação de clubes na Liga dos Campeões da CAF (Confederação Africana de Futebol), quanto pela única participação da seleção nacional, até o presente momento, na fase final da Copa do Mundo de 2006, na Alemanha, quando os “Palancas Negras” foram eliminados na fase de grupos, contabilizando dois empates e uma derrota (GONÇALVES, 2010, p. 156).

Além disso, Angola sediou a Copa Africana de Nações em 2010. Todavia, um incidente marcaria negativamente o torneio: o ônibus da delegação de Togo foi atacado pelo grupo separatista Frente de Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC) ao cruzar a fronteira entre o Congo e a província angolana de Cabinda, com três mortos – o motorista, o assistente técnico e o assessor de imprensa – e vários feridos. De acordo com Richard Giulianotti, o governo togolês insistiu que a seleção regressasse ao país, o que teve consequências inesperadas e incompreensíveis diante do ocorrido: “Para a indignação tanto no Togo como em grande parte do mundo do futebol, o órgão diretivo do futebol africano banuiu o Togo dos dois próximos campeonatos, alegando interferência política de seu governo.” (GIULIANOTTI, 2010, p. 27).

Voltando ao Girabola, em sua versão atual, o campeonato é disputado por 16 equipes. A atual temporada – 2019/2020 –, em disputa, é liderada pelo Atlético Petróleos de Luanda, seguido do Clube Desportivo 1º de Agosto, último campeão do torneio, que são as principais agremiações de futebol no país. A seguir, versaremos sobre os hinos oficiais do Petro de Luanda e do 1º de Agosto.

Hino do Atlético Petróleos de Luanda, de Angola

A título de análise de hinos de clubes do futebol angolano, selecionamos os hinos oficiais de dois clubes muito populares: o

Atlético Petróleos de Luanda e, respectivamente, o Clube Desportivo 1º de Agosto, igualmente da capital angolana.

O Atlético Petróleos de Luanda, comumente chamado de Petro de Luanda, foi fundado em 14 de janeiro de 1980. De acordo com Sidney Barbosa da Silva e Rafael de Paula da Silva, as origens do clube seriam as seguintes: “A instituição Atlético de Luanda em associação com o então Sport Luanda e Benfica deu origem ao Atlético Petróleo de Luanda, o que lhe permitiu ter instalações desportivas compatíveis com as aspirações preconizadas pelo novo clube formado” (SILVA; SILVA, 2018). E uma das prerrogativas que teriam levado à sua criação teria sido o objetivo de “responder a estratégia da companhia petrolífera nacional no que tange a sua integração com a comunidade, contribuindo para o engrandecimento do desporto nacional, pondo ao seu serviço a sua capacidade organizativa e financeira” (SILVA; SILVA, 2018).

A grandeza do Petro de Luanda no cenário futebolístico angolano é atestada pelo elevado número de títulos conquistados nos seus 40 anos de existência.² O Petro disputa seus jogos no Estádio 11 de Novembro, em Luanda, com capacidade para 50 mil torcedores. Atualmente, conta com 22 jogadores em seu plantel principal, sendo 19 angolanos e três brasileiros. A comissão técnica também conta com brasileiros, a começar pelo atual treinador, Beto Bianchi (SILVA; SILVA, 2018).

Como costuma ocorrer em estudos dessa natureza, não foi possível encontrar o nome do compositor e o ano de criação do hino oficial do Atlético Petróleos de Luanda, apenas sua letra e melodia, disponíveis no canal *Youtube*:

² Quinze vezes campeão do Girabola, patrocinado pela Federação Angolana de Futebol (FAF), nos anos de 1979, 1984, 86, 87, 88, 89, 1990, 93, 94, 95, 97, 2000, 01 e 08; seis vezes campeão da SuperTaça de Angola nos anos de 1987,88, 1993, 94, 2002 e 2013. Além disso, o clube participou em seis edições da Liga dos Campeões da Confederação Africana de Futebol (CAF), nos anos de 1998, 2001, 02, 04, 07 e 09, foi finalista da Copa da CAF em 1997, contabilizando, ainda, três participações na Taça das Confederações da CAF em 2004, 06 e 08, e quatro participações na Taça Africana dos Vencedores em 1992, 93, 99 e 2003 (SILVA; SILVA, 2018).

Na hora da verdade
Ninguém segurou o Petro
Com toda a sinceridade

Ninguém segurou o Petro

Na hora da verdade
Ninguém segurou o Petro
Com toda a sinceridade

Ninguém segurou o Petro

Em Angola, o Petro é campeão
E lá fora, vamos fazer um figurão
Em Angola, o Petro é campeão

E lá fora, vamos fazer um figurão.

Petro Atlético de Luanda
No Girabola é quem comanda
Petro Atlético de Luanda

No Girabola é quem comanda

Na hora da verdade
Ninguém segurou o Petro
Com toda a sinceridade

Ninguém segurou o Petro

Na hora da verdade
Ninguém segurou o Petro
Com toda a sinceridade
Ninguém segurou o Petro.

(HINO..., [198-?])

Como pode ser observado, em termos formais, trata-se de uma letra bem simples, composta por seis estrofes, sendo quatro delas a repetição do refrão. Cada estrofe é formada por quatro versos com rimas cruzadas a-b-a-b, sendo que duas estrofes se compõem da sequência de dois dísticos.

O mesmo quadro se revela em relação ao conteúdo. O aspecto mais relevante parece recair sobre a espacialização, enquanto elemento épico, que determina a posição do clube no cenário do futebol angolano e africano, atestada pelos seguintes versos: “Em Angola, o Petro é campeão/ E lá fora, vamos fazer um figurão.” À Angola opõe-se, pois, o “lá fora” – o continente africano e, de modo mais amplo, o mundo globalizado do futebol. Além disso, o verso que apresenta uma das designações do clube – “Petro Atlético de Luanda” –, automaticamente, faz menção à capital do país. Assim, a letra do hino evidencia uma espacialização em três âmbitos: local (Luanda), nacional (Angola) e internacional (“lá fora”).

Outro aspecto relevante no hino oficial do Atlético Petróleos de Luanda, por assim dizer, é um desdobramento da própria espacialização, parte integrante de seus elementos épicos: as conquistas do Petro. Isto se evidencia nos versos “Petro Atlético de Luanda/ No Girabola é quem comanda”. De fato, o Petro “comanda” o Girabola, pelo menos, até o presente momento, pois contabiliza 15 títulos dessa competição contra 13 de seu concorrente direto, o Clube Desportivo 1º de Agosto.

Por fim, um último aspecto a ser destacado no hino oficial do Atlético Petróleos de Luanda diz respeito à enunciação poética. Este surge marcadamente no texto apenas no verso “E lá fora, vamos fazer um figurão”. Trata-se, pois, de um sujeito que representa a coletividade de torcedores, os “adeptos”, movida por um “espírito clânico”, de que nos fala o historiador Hilário Franco Júnior (2007, p. 213), pautado pela identidade clubística. Em seus símbolos e uniformes, as cores predominantes são o amarelo e o azul.

Hino do Clube Desportivo 1º de Agosto, de Angola

O Clube Desportivo 1º de Agosto foi fundado em 1977 e possui alguns apelidos: Militares, Pri, Rubro Negro, D’Agosto, Glorioso. Assim como o Petro de Luanda, o Clube Desportivo 1º de Agosto disputa seus jogos como mandante no Estádio 11 de Novembro, em Luanda, com capacidade para 50 mil torcedores. O apelido de “Militares”, por exemplo, se deve ao fato de o clube ter sido o primeiro a ser fundado no período pós-independência, em 1º de agosto de 1977, por iniciativa do Comité Desportivo Nacional Militar (CODENM) e pelo programa de desenvolvimento do esporte levado a cabo pelas Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA). Desde sua fundação, o clube tem como seu principal patrocinador as Forças Armadas Angolanas (COMO NASCEU..., 2019). Um de seus primeiros sócios, aliás, foi António Agostinho Neto (1922-1979), médico, escritor e político, líder do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que se tornou, em 1975, o primeiro presidente da República de Angola (VISENTINI, 2012, p. 61-63).

Em seus símbolos e uniformes principais, as cores predominantes são as cores rubro-negras. Ao todo, o 1º de Agosto sagrou-se 13 vezes campeão do Girabola, 6 vezes da Taça de Angola e 10 vezes da SuperTaça de Angola.³

Assim como ocorreu no caso do hino oficial do Petro de Luanda, também não foi possível encontrar informações mais precisas sobre o ano e a autoria da composição do hino oficial do Clube Desportivo 1º de Agosto, cuja letra é a seguinte:

Nasceu na conquista pela história
 Nosso Clube Desportivo de glória

³ O clube conquistou 13 vezes o Girabola, nos anos de 1979, 1980, 81, 1991, 92, 96, 98, 99, 2006, 2016, 17, 18 e 19, 6 vezes a Taça de Angola, nos anos de 1984, 1990, 91, 2006, 09 e 2019, e 10 vezes a SuperTaça de Angola, nos anos de 1991, 92, 97, 98, 99, 2000, 07, 2010, 17 e 19 (SALA..., 2019).

Uma academia para o futuro em formação
Se consagra glorioso e campeão

1º de Agosto, fruto que dá gosto
Com honra, em derrotas ou vitórias
D'Agosto nosso clube do coração
Pela força em claque é o orgulho da nação

1º de Agosto, unido e glorioso
Onde o adepto é fonte de fervor
D'Agosto nosso clube campeão
Pela força em claque é o orgulho da nação

D'Agosto força
D'Agosto sempre
Honra o nosso clube campeão

D'Agosto força
D'Agosto sempre
O compromisso de um clube com a nação

D'Agosto força
D'Agosto sempre
Honra o nosso clube campeão

D'Agosto força
D'Agosto sempre
Uma academia e o futuro em formação!!!

(HINO..., [197-?])

Em termos formais, a letra do hino oficial do 1º de Agosto é composta por sete estrofes, sendo as três primeiras compostas por quatro versos e as quatro últimas, por três versos cada. Nas quadras, predominam as rimas paralelas a-a-b-b. Tal hino

apresenta um grau maior de elaboração em seus elementos líricos, se comparado à letra do hino do Petróleos de Luanda.

O mesmo grau elevado pode ser constatado em relação ao conteúdo, pois os versos evidenciam diversos aspectos que auxiliam na construção do *ethos* clubístico a partir de elementos épicos: a história de luta do país por sua independência, em que o clube surge como “fruto que dá gosto”; as virtudes que lhe são atribuídas – glória, união, honra e força; o caráter militar do clube como uma “academia” que contribui para a “formação”. Dessa forma, o clube figuraria como “o orgulho da nação”, “nosso clube do coração”, um clube que tem um “compromisso [...] com a nação”, que “Se consagra glorioso e campeão” e seria “Uma academia para o futuro em formação”.

Além disso, a enunciação poética em primeira pessoa se faz presente apenas no uso do pronome possessivo na primeira pessoa do plural, nos versos “Nosso clube desportivo de glória”, “D’Agosto nosso clube do coração” e “Honra o nosso clube campeão”. Todavia, ao contrário da letra do hino do Petro de Luanda, a espacialização é pouco marcada e adquire dimensões nacionais, no emprego do termo “nação” nos versos “Pela força em claque é o orgulho da nação” e “O compromisso de um clube com a nação”.

Com relação a elementos dramáticos, ausentes na letra do hino do Petro de Luanda, a letra do hino do Clube Desportivo 1º de Agosto evidencia certos sentimentos, como afetividade e fervor, marcados nos versos “D’Agosto nosso clube do coração” e “Onde o adepto é fonte de fervor”. Aliás, os torcedores do clube – os “adeptos” – são conhecidos como “Caragós”. E, em seus símbolos e uniformes principais, predominam as cores da bandeira de Angola, vermelho e preto. Por isso, o clube também é chamado de rubro-negro, suas camisas possuem listras verticais alternadas rubro-negras, com meias e calções pretos.

Quanto aos “Caragós”, cabe ressaltar que estes são conhecidos pelo modo aguerrido e performático como torcem pelo 1º de Agosto. Segundo Carlos Calongo (2012),

dona de uma forma peculiar de apoiar à sua equipa, consubstanciada na execução de instrumentos musicais como o batoque, cornetas, apitos e outros tantos, que têm fôlego para louvar ao “senhor” chamado 1º de Agosto, a claque do clube militar merece a minha ovação pela sua persistência no apoio à equipa. Entre as razões que me levam a ser desta opinião, está uma canção da referida claque, na qual se ouve, em ritmo contagiante, que “Perder ou ganhar, somos do D’Agosto”.

Portanto, assim como o hino oficial contém o verso “D’Agosto sempre”, o verso do canto dos torcedores, citado por Carlos Calongo, alude à fidelidade clubística, mais um elemento dramático presente no cancionário de futebol. E isso, segundo esse autor, resultaria de uma associação discursiva entre a fidelidade militar e desportiva:

Logo, sendo mais largos na análise do fenómeno, podemos compreender que no citado refrão estão contidos elementos de fidelidade ao clube, tal como se acha escrito numa das bandeiras dos militares do Rio Seco, em que os adeptos são chamados “Os eternos fiéis”. Esta eterna fidelidade, contra todas as opiniões menos abonatórias, promove uma vénia de excelência pela forma de estar no desporto (CALONGO, 2012).

Em certo sentido, aliás, pode-se entender o fato de o 1º de Agosto, fundado em 1977, ser associado a militares devido tanto à luta pela independência de Angola, quanto a figuras proeminentes do MPLA entre seus fundadores, e também por ter havido, em um dado momento da história do futebol no país, a associação entre clubismo e militarismo no período colonial. Isso é atestado pelo seguinte argumento de Jonuel Gonçalves (2010, p. 134): “a

íntima ligação dos principais clubes a empresas e a setores ou situações militares, tanto nas últimas décadas coloniais como nas pós-coloniais”. Se o Petros se caracteriza pela associação empresarial com o ramo petrolífero, o 1º de Agosto figura como o “Clube Central” das Forças Armadas Angolanas.

Ainda segundo Gonçalves (2010, p. 143), o “aspecto de alto relevo na relação da guerra dos anos 1960 e começo de 1970 era a forte presença de militares nas equipes de todas as modalidades desportivas, tanto angolanos (abrangidos pela mobilização militar obrigatória), como portugueses”. E isso se refletiria também após o término da guerra e a proclamação da independência: “os militares envolvidos em competições de topo se beneficiavam de quase isenção de tarefas no [E]xército fazendo deles virtuais profissionais, situação que se verifica de novo no período pós-colonial” (GONÇALVES, 2010, p. 413). E isso evidencia a relevância de procedimentos de “leitura” da sociedade angolana a partir do esporte: “O esporte em Angola foi sempre um dos reveladores do contexto político social do país” (GONÇALVES, 2010, p. 138).

Futebol em Moçambique: um panorama

Em Moçambique, assim como em Angola, e grande parte da África, segundo Nuno Domingos (2013, 2014, 2015), pesquisador português crucial para a compreensão do desenvolvimento histórico do desporto moçambicano, o futebol foi transmitido ao longo do século XX pela ação de diversos agentes com interesses bem diversificados:

nasceu na sequência do esforço missionário, no interior do qual visava a educação, a disciplina e a integração comunitária; foi incentivado pela dinâmica associativa dos colonos, caracterizada por uma ativa componente esportiva; beneficiou dos fluxos migratórios, de que o movimento maciço de trabalhadores moçambicanos para a África do Sul

e para a Rodésia é um exemplo evidente; desenvolveu-se pela própria dinâmica econômica, impulsionada, sobretudo a partir da transição para o século XX, pelo crescimento dos meios de transporte, originando uma maior mobilidade dos indivíduos (DOMINGOS, 2015, p. 21).

Além, é claro, dos interesses de empresas privadas, a exemplo do Atlético Petróleos de Luanda, ligado à companhia de exploração petrolífera, em Angola, caso já mencionado, e dos clubes, em Moçambique, ligados ao Estado por meio da empresa dos caminhos-de-ferro, caso da criação do Clube Ferroviário nas províncias de Maputo, Sofala e Nampula, em 1924. Este momento foi crucial para a expansão do futebol moçambicano, que agregou a esse esporte certa singularidade tanto na forma de jogar, manifesta no estilo de jogo, que “será sempre o resultado da dialética entre a racionalização e a influência da dinâmica das estruturas locais” (DOMINGOS, 2015, p. 23),⁴ como nas práticas do torcer, manifestadas no tópicos a seguir sobre os cânticos dos torcedores do Clube de Desportos da Costa do Sol.

A rigor, em linhas gerais, segundo Nuno Domingos, no seminal livro sobre a história do futebol moçambicano, *As linguagens do futebol em Moçambique: colonialismo e cultura popular* (2015),⁵ o futebol nesse país “foi adotado desde as primeiras décadas do século XX, difundindo-se progressivamente entre a população colona e entre os africanos” (DOMINGOS, 2015, p. 81), residentes, respectivamente, na zona central (na baixa da cidade) e na zona periférica de Lourenço Marques, capital de Moçambique, desde 1897.

⁴ Nuno Domingos (2015, p. 23) bem nos adverte de que “o exercício de contextualização é útil para evitar alguma mitificação de ‘estilos indígenas’, ou estilos ‘nacionais’, ou mesmo para atenuar possíveis utilizações substancialistas do conceito de ‘crioulização’”.

⁵ Publicado no Brasil, pela editora 7Letras, na excepcional coleção Visão de Campo, coordenada pelos historiadores Bernardo Buarque de Hollanda (FGV) e Victor Andrade de Melo (UFRJ).

A criação dos primeiros clubes de futebol em Moçambique, assim como em Angola, remonta às três primeiras décadas do século XX, dentre eles figuram o Sport Clube Português, em 1905, o Grupo Lusitano, em 1910, o Grupo Desportivo Francisco Lázaro e o Club Internacional de Futebol, em 1912, e o 1º de Maio, em 1917 (DOMINGOS, 2015, p. 81-82). Na década seguinte, foram fundados três dos grandes clubes laurentinos, os quais ainda estão em franca atividade: o Sporting Clube de Lourenço Marques, fundado em 1920 como filial do Sporting de Portugal (1906), hoje, Clube de Desportos do Maxaquene, que, diga-se de passagem, comemorará o seu centenário na divisão de acesso do campeonato moçambicano, devido à fraquíssima campanha no campeonato de 2019; o Grupo Desportivo de Lourenço Marques, criado em 1921, ligado ao Sport Lisboa e Benfica (1904), renomeado Grupo Desportivo de Maputo; e o já mencionado Ferroviário de Maputo, cuja alcunha era Clube Ferroviário de Moçambique. Vale destacar que, segundo o pesquisador moçambicano Aurélio Rocha, em “Desporto, sociedade e construções identitárias em Moçambique”, a alteração dos nomes das agremiações foi uma imposição do Estado, logo após a independência, proclamada em 1975, especialmente aos clubes “que eram filiais ou tinham qualquer vínculo a clubes portugueses” (ROCHA, 2013, p. 219). Esses clubes eram os “que possuíam maior suporte administrativo-financeiro, e também político, que ficaram vinculados a grandes empresas ou instituições públicas” (ROCHA, 2013, p. 219). Neste momento histórico, Lourenço Marques passou a se chamar Maputo, seguindo a tendência do país de romper com certa memória colonialista.

Assim, a expansão do futebol se deu muito a partir das criações desses clubes, bem como da criação das federações que organizariam as competições. Entretanto, de um lado, estruturaram-se os clubes dos colonos, compostos de atletas brancos, em torno da Associação de Foot-ball da Província de Moçambique.

Foi criada em 1923, ligada à União Portuguesa de Futebol, e rebatizada, em 1926, de Associação de Futebol de Lourenço Marques (AFML), que pretendia implementar, difundir e zelar pelas regras do jogo, conforme a Internacional Board. Já os jogadores negros, por influência sul-africana, fundaram, em 1924, a Associação de Futebol Africana (AFA), período importante do associativismo africano, que contava com mais de 10 grupos desportivos, dentre eles o Luso-Africana, o Vasco da Gama, o João Albasini e o Beira-Mar (DOMINGOS, 2015, p. 86). Afinal, o jogo da bola era demasiado complexo para a comunidade autóctone, pois para o capitão do Exército português, Ismael Mário Jorge, no início dos anos 1930, “os esportes passíveis de serem transmitidos aos indígenas eram aqueles que implicavam o emprego de ‘meios naturais’: marcha, corrida, saltos, escalada, levantamentos, lançamentos, luta e natação” (DOMINGOS, 2015, p. 25).⁶

Essa visão pejorativa dos africanos era reverberada pela própria imprensa, que os caracterizava como “incivilizados”. Segundo Matheus Serva Pereira (2013, p. 48), a imprensa destacava “determinados aspectos em detrimento de outros, os impressos analisados produziram uma leitura valorativa de uma suposta incapacidade dos ‘indígenas’ de sobreviverem em harmonia dentro de um espaço urbano demarcado por locais europeizados”.⁷

A partir daí, também às margens das instituições, a expansão do futebol se deu de forma muito rápida e por todo o país, jogado nas ruas e nos bairros, majoritariamente pelos homens, vale a pena apontar. Dentre outros fatores, segundo Nuno Domingos, o aumento de interesse pelo futebol ocorre simultaneamente

⁶ Em raros momentos, alguns pouquíssimos jogadores negros conseguiam disputar campeonatos pelas duas confederações, com o “estatuto de assimilados”, a exemplo do craque Mário Coluna, filho de português com uma africana (DOMINGOS, 2015, p. 66).

⁷ Para maiores detalhes sobre o assunto, conferir o capítulo “‘Beijo a mais, miolos a menos...’: representação, repressão e lazer dos grupos africanos subalternos nas páginas da imprensa de Lourenço Marques (1890-1910)” (PEREIRA, 2013, p. 37-61).

com o aumento da cobertura por parte da imprensa. Os jornais vão alimentar a popularização do jogo, trazendo notoriedade a equipes e jogadores. Não sendo apropriado falar [ainda] de profissionalização, será correto afirmar que a popularização deu lugar a uma maior competitividade e a uma paulatina especialização funcional no interior das equipes (DOMINGOS, 2015, p. 29).

Entretanto, a primeira competição nacional organizada pela AFLM, o Campeonato Colonial de Moçambique, mais próximo dos moldes de uma copa, iniciou-se somente nos anos 1950, perfazendo 18 edições entre 1955 e 1974, com o Ferroviário de Maputo abocanhando oito títulos. Já nessa competição, destaca-se o abrandamento da participação de jogadores negros, caso do extraordinário defensor Hilário da Conceição, “primeiro não branco a jogar no Sporting de Lourenço Marques” (DOMINGOS, 2015, p. 14).⁸ A partir de 1959, “já no contexto da deriva ideológica lusotropicalista do regime, e em nome do fim da discriminação racial, a administração local em Lourenço Marques decide abolir a AFA, integrando os seus jogadores no campeonato da terceira divisão da AFLM” (DOMINGOS, 2015, p. 88). Ou seja, a própria organização do campeonato pela associação já sinalizava o interesse de Portugal de incorporar jogadores das suas colônias, sobretudo Angola e Moçambique, casos dos jogadores Mário Coluna, Eusébio, Vicente Lucas e do próprio Hilário, todos integrantes da extraordinária seleção portuguesa que conquistou o terceiro lugar na Copa do Mundo de 1966, eliminando, inclusive, a seleção brasileira pelo placar de 3 a 1, com dois gols de Eusébio e um de Simões, vale lembrar.

Contaminados pelos bons resultados no mundial, no dia 30 de junho de 1968, foi inaugurado o Estádio Salazar, em Lourenço Marques, hoje Estádio da Machava, com o jogo entre Portugal e

⁸ Para um maior aprofundamento neste assunto, conferir o capítulo “Dos subúrbios da Lourenço Marques colonial aos campos de futebol da metrópole, uma entrevista com Hilário Rosário da Conceição” (DOMINGOS, 2015, p. 119-142).

Brasil. Por parte dos brasileiros, a peleja soava como uma revanche da última derrota na Copa da Inglaterra. Para os portugueses era mais um capítulo das estratégias de ocupação dos espaços laurentinos, que parte dos presentes assistia com complacência e orgulho de poder ver os contrerrôneos ídolos no estádio “maior e mais belo de toda a África” (RODRIGUES, 1968, p. 4).⁹

Poucos anos mais tarde, o Estádio Salazar, “símbolo maior, no domínio desportivo, da presença portuguesa em Moçambique”, foi o palco maior da independência, “maior invenção humana dos moçambicanos” (ROCHA, 2013, p. 214-15).

Com uma capacidade para albergar mais de 30 mil pessoas sentadas, o estádio tornou-se pequeno para o mar humano que a ele acorreu nessa noite de 24 de junho de 1975, que nem a chuva torrencial fez arredar até que a mágica palavra fosse pronunciada e a bandeira do novo país estivesse completamente hasteada quando foram dadas a zero hora do ansiado dia 25 de junho (ROCHA, 2013, p. 215).

Inclusive, segundo Aurélio Rocha, um dos eventos com que se comemorou “a independência do país foi, naturalmente, um jogo de futebol, realizado no estádio de Pemba”, no Norte do país, no dia seguinte à proclamação, “que opôs a primeira seleção moçambicana à sua congênere da Tanzânia, Moçambique venceu por 3 a 2” (ROCHA, 2013, p. 215), demonstrando a centralidade do futebol como agregador de multidões, com forte conotação política.

No entanto, esse mágico cenário de otimismo não se reverberou no país e no esporte por muito tempo, nem mesmo a partir da fundação da Federação Moçambicana de Futebol, em 1976, e da criação do campeonato de futebol do recém-criado país,

⁹ Para maiores detalhes sobre as motivações desse jogo por parte dos brasileiros, sobretudo por parte de três cronistas do *Jornal dos Sports*, Nelson Rodrigues, Álvaro do Nascimento e Jocelyn Brasil, conferir o artigo “‘Tudo em família com a Paz do Senhor’: certa vez, no Estádio Salazar” (CORNELSEN, 2018, p. 126-138).

disputado até os dias de hoje, pois o que se viu foi o grande êxodo dos portugueses, como no caso angolano. A saída de dirigentes, técnicos e atletas se traduziu “no abandono de muitas das instalações e na redução das atividades dos clubes, [...] deixando antever grandes expectativas dos novos governantes” (ROCHA, 2013, p. 215). O período que se seguiu foi de escassez de praticamente tudo, devido à instalação da Guerra Civil Moçambicana, conhecida ainda como a Guerra dos Dezesesseis Anos, porque durou até 1992, precisamente no dia 04 de outubro, quando foi assinado o Acordo Geral de Paz, em Roma, entre os presidentes da república, Joaquim Chissano, pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), e o da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), Afonso Dhlakama. Assim, segundo Aurélio Rocha, para além do campeonato regular de futebol,

entre 1975 e 1985, o desporto resumia-se a ações episódicas e improvisadas de um pequeno número de atividades, de iniciativa de alguns clubes, em que se destacam pequenos torneios comemorativos de datas festivas e um ou outro jogo entre equipas com alguma atividade. A nível internacional, o desempenho das equipas e dos clubes foi caracterizado por altos e baixos, apresentando um quadro francamente negativo em termos de resultados. Para se avaliar o percurso penoso do desporto moçambicano, basta mencionar que, em dez anos de independência, Moçambique não conseguiu fazer-se representar em nenhuma grande competição de qualquer modalidade desportiva. Num cenário em que se tornava difícil, se não mesmo inviável, a prática desportiva, era inevitável que acontecesse a diminuição do nível do desporto (ROCHA, 2013, p. 218).

Do ponto de vista político-esportivo, além do isolado fenômeno Maria de Lurdes Mutola, “conhecida como a maior corredora feminina dos 800 metros de todos os tempos” (CALDEIRA,

2013),¹⁰ com apoio também do Estado, o momento mais expressivo de Moçambique foi a organização da 10ª edição dos Jogos Pan-Africanos, realizada em Maputo, em 2011, com cerimônia de abertura e encerramento no recém-inaugurado Estádio Nacional do Zimpeto, com capacidade para cerca de 40 mil espectadores, onde, atualmente, joga a seleção moçambicana, popularmente conhecida por “Os Mambas”.

Voltando ao campeonato nacional de futebol moçambicano, o Moçambola, atualmente, é regulado pela Liga Moçambicana de Futebol (LMF), associação com autonomia administrativa, financeira e patrimonial, criada em 2002, com sede em Maputo, com o intuito de administrar o campeonato nacional, disputado no sistema de pontos corridos, em dois turnos. A temporada de 2019 foi disputada por 16 equipes e a de 2020 contará com apenas 14 equipes. A seguir, abordaremos algumas particularidades dos hinos e cânticos do futebol moçambicano.

Cânticos de futebol em Moçambique: “É Costa do Sol”

O Costa do Sol foi fundado em 15 de outubro de 1955. Inicialmente, segundo dados do site oficial do clube, como uma agremiação filiada ao Benfica de Portugal, batizada à época de Sport Lourenço Marques e Benfica. No entanto, após a independência de Moçambique, o clube modificou sua alcunha para Sport Maputo e Benfica e a partir de 1978, definitivamente, passou a se chamar Clube de Desporto da Costa do Sol (O NOSSO..., 2020). Esse é o nome do bairro, à beira-mar, onde ficam situados a sede e o campo do clube, em Maputo, com capacidade para 10 mil espectadores. As suas cores são amarela e azul, derivadas do escudo cujas imagens representadas são o sol, o mar e o céu, ao

¹⁰ Apoiada pelo governo moçambicano, entre outros títulos, Mutola ganhou a medalha de bronze e de ouro nos 800 metros, respectivamente, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, e de Sidney, em 2000.

fundo, além do pássaro, símbolo maior do clube, sobrevoando em primeiro plano. Por isso, a comunidade auriceleste é apelidada de “Canarinho”. Seu uniforme lembra-nos o da seleção brasileira.

A grandeza do Costa do Sol no cenário futebolístico moçambicano é atestada pelo elevado número de campeonatos ao longo de seus 65 anos de história, sendo “o clube com mais títulos conquistados desde a independência nacional” (O NOS-SO..., 2020),¹¹ com 10 títulos do Moçambola, 13 títulos da Taça de Moçambique e 10 títulos da Supertaça de Moçambique. É o único clube tetracampeão nacional. Em 1993, ganhou todos os troféus que disputou.

Em relação ao futebol africano, a representação do Costa do Sol é inexpressiva, pois poucas vezes disputou a fase de grupos da Liga dos Campeões do continente, fase na qual sobressaem países relativamente mais estruturados no mercado do futebol, como Egito, Marrocos e Tunísia, o que não se reflete do mesmo modo na Copa Africana de Nações, cujas principais seleções são Egito, Camarões, Gana e Nigéria.

Com relação propriamente aos hinos de clubes de futebol em Moçambique, como ainda costuma ocorrer em estudos dessa natureza, não foi possível encontrá-los em nossas buscas pela internet (sites dos clubes e de estudos acadêmicos, bibliotecas virtuais, *Youtube* etc.). Para tanto, modificamos a metodologia e partimos para uma pesquisa de caráter etnográfico em busca de melhor compreender como se dá a presença/manifestação da música no futebol moçambicano.¹²

¹¹ O Costa do Sol conquistou os 10 títulos do Moçambola nos anos de 1979, 1980, 1991, 92, 93, 94, 99/2000, 01, 07 e 2019; os 13 títulos da Taça de Moçambique em 1980, 83, 88, 1992, 93, 95, 97, 99, 2000, 02, 07, 2017 e 18 e os 10 títulos da Supertaça de Moçambique nos anos de 1993, 94, 96, 99/2000, 00/01, 02, 03, 08, 2018 e 19.

¹² Esta pesquisa foi realizada entre 25 de agosto a 04 de dezembro de 2019, em Maputo, como parte do projeto intitulado “Cânticos de torcida do futebol moçambicano”, desenvolvido no âmbito do Leitorado na Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Transcrição e tradução (primeira versão): Maria Clotilde Guirruogo – atriz, diretora e professora de teatro, formada pela UEM.



Imagem: Campo do Costa do Sol.

Fonte: Site oficial do Costa do Sol.

Para isso, os contornos iniciais desta pesquisa se restringiram a realizar curtas entrevistas a adeptos canarinhos no campo do Costa do Sol. O jogo escolhido foi o clássico maputense Costa do Sol x LD Maputo, pelo Moçambola, no dia 25 de agosto de 2019. A agremiação auriceleste foi escolhida por ser um dos clubes de maior apelo popular do país, ao lado do Ferroviário de Maputo, e, naquela altura, ostentava a liderança do campeonato, situação que se manteria até o final. O principal objetivo foi procurar saber sobre a existência ou não do hino oficial do clube, ocasião na qual certificamos de que nenhum dos torcedores sabe qualquer informação sobre o assunto. Assim, acatando a mesma lógica da mudança de nomes pela qual passaram os clubes após a independência moçambicana, com a intenção de apagar certas marcas portuguesas da história do país que se emancipara, podemos aventar a hipótese de que se algum dia o hino do Costa do Sol foi criado igualmente foi deixado de lado, pois não faz parte da atual memória dos adeptos e do clube. Embora o hino da agremiação não circule entre os torcedores, ainda não podemos afirmar a sua inexistência embasados apenas nessas entrevistas.

Assim, numa segunda etapa desta pesquisa, traçamos o plano de acompanhar os cinco últimos jogos do Costa do Sol pelo Moçambola de 2019,¹³ com o objetivo de gravar os cantos entoados pelos torcedores e, na medida do possível, realizar mais entrevistas e apontamentos acerca das impressões para esta breve análise.

Das partidas acompanhadas, o Costa do Sol venceu todas e a metade delas de goleada, emplacando também o artilheiro do campeonato, o camaronês Eva Nga, com 24 tentos. Motivados pela possibilidade de superar o maior desjejum de título nacional, porque desde 2007 não conquistavam o campeonato, os torcedores canarinhos foram frequentes e muito festivos ao longo da temporada.

A respeito do comportamento dos torcedores, Hilário Franco Júnior, em *A dança dos deuses*, assegura que

seguir determinado clube é acreditar, mesmo contra as evidências racionais, que ele vá vencer. Como o futebol é jogo de muitos erros (sessenta passes errados numa partida é algo comum no Brasil) e pouca pontuação (mais de três gols em uma partida não é frequente), mantém o torcedor em constante expectativa. Impotente na arquibancada, o adepto de um clube crê que sua fé e seu estímulo possam colaborar para que seus ídolos levem a divindade comum à vitória (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 292).

Acompanhamos de perto o único grupo de adeptos, autodenominado de “Claque do Costa do Sol”, que se assemelha, à primeira vista, aos frequentadores de torcidas organizadas brasileiras.

¹³ A pesquisa compreendeu seis partidas no campo do Costa do Sol nos dias 25 ago. (Costa do Sol 1 a 0 LD Maputo), 22 set. (Costa do Sol 4 a 1 Incomati), 29 set. (Costa do Sol 1 a 0 Desportivo Maputo), 19 out. (Costa do Sol 2 a 1 ENH Vilankulo), 24 nov. (Costa do Sol 4 a 0 Textil do Pungue) e 04 dez. (Costa do Sol 4 a 2 UD Songo). As partidas em Moçambique são realizadas por volta das 15h, raramente à noite, com exceção dos jogos da seleção, geralmente, realizados à noite, no atual Estádio do Zimpeto.

Esses torcedores espontaneamente se filiam a esse grupo, criando uma identidade em comum à volta do clube, inclusive, usam um crachá que discrimina essa distinção no campo. Inclusive, organizam-se para irem aos jogos na casa dos adversários, na região metropolitana. Afinal,

toda partida é rito, como indica a própria origem da palavra, vinda do sânscrito *rita*, “ordem”, “regra”, “ritmo”, isto é, conjunto de atos representativos que se supõe estabelecer ou recuperar certa ordenação cósmica ou humana. Com efeito, toda partida de futebol é constituída por gestualidades [...] e sonoridades (apito, exclamações, gritos, advertências, palmas, vaias, cânticos etc.) próprias que possuem significâncias para todos os envolvidos (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 270).

Especificamente em relação às performances da torcida do Costa do Sol nos jogos em casa, é bastante curioso observar a sua movimentação. Eles vestem a camisa do clube e se posicionam juntos para tocar, cantar e dançar, em pé praticamente o tempo inteiro, visando a estimular o time. Os instrumentos tocados pelos entusiastas, homens jovens em sua maioria, são a xipalapala, mais conhecida no Brasil por vuvuzela, que ganhou forte exposição da mídia na Copa do Mundo de 2010 na África do Sul, e o atabaque, feito por eles mesmos em couro, tocado com varetas de madeira, algumas sem qualquer acabamento.

Os cânticos em sua grande maioria são entoados em xichangana, principal língua de origem africana falada na parte Sul de Moçambique, e que em Maputo está misturada com o xironga, o português e outras línguas. Raramente cantam uma música inteira na língua colona, nessa língua é evocado apenas o nome do clube “Yooo, yo yo yo yo yo / É Costa do Sol / Yooo, yo yo yo yo yo / É Costa do Sol”, em variados momentos da partida, e bradado o verso “Ganha moral, ganha moral”, com o intuito de não deixar que o clube fique abatido logo após o time sofrer um gol.

A maioria dos cânticos é composta pelos membros da claque, sobretudo por Reginaldo, com quem conversamos algumas vezes, e outros são extraídos do cancionero popular, preservando toda riquíssima tradição oral do país, como “Salani/Adeus”, que entoado pelos torcedores teria um sentido semelhante ao do cântico brasileiro “Está chegando a hora”:

Adeus
 Adeus
 Adeus
 Adeus
 Adeus meus irmãos
 Voltaremos a nos ver
 Se o Senhor quiser.¹⁴

Gravamos, transcrevemos e traduzimos cerca de 20 cânticos. Grande parte deles nos remete ao sentido de pertencimento, certo espírito clânico advindo da relação do torcer com rituais no contexto do futebol africano, o qual Richard Giulianotti aborda brevemente no livro *Sociologia do futebol* (2018), com o enfoque voltado para países de língua inglesa na África, mas que, acreditamos, aplica-se também ao caso de Moçambique, como este cântico que exalta as virtudes do grupo para derrotar o adversário.

Nós
 Nós
 Somos os gigantes
 Cortamos as árvores grandes
 As pequenas caem por si só.¹⁵

Ou no trecho do cântico a seguir que, de maneira evidente, aponta para um sincretismo entre o discurso religioso de matriz judaica cristã e, ao mesmo tempo, de ritos tribais. Trata-se de

¹⁴ Salani / Salani / Salani / Salani / Salanini vha makwezu / Hita tlela hi vhonana / Koko hosi yi svilavha.

¹⁵ Hina / Hina / Hi magandaganda / Yo tsema a misinha leyi kulu / Leyi tsongo yoti wela.

um cântico de invocação a Jeová e ao espírito, mas não se refere, necessariamente, ao Espírito Santo do discurso cristão.

Desça, Jeová
Desça, desça para a Terra
Desça para a Terra
Desça, Jeová
Nosso Pai

Os seus filhos, te chamaram
Oh te chamaram
Te chamaram
Nosso pai

Ah! Jesus, amém
Amém
Oh! envie espírito
Envie, envie espírito, envie
Oh! envie espírito
Envie, envie espírito, envie
Oh! envie espírito
Envie, envie espírito, envie.¹⁶

Por fim, um cântico que representa a força do símbolo maior do Costa do Sol, o astro rei que aquece o estádio, trazendo energia e ânimo para os jogadores e os torcedores.

Oooh! Hoje vai aquecer
Aproxima
Aproxima
Aproxima
Oooh! Hoje vai aquecer.¹⁷

¹⁶ Xika Yehováh / Xika, xika Misavheni / Xika Misavheni / Xika Yehováh / Tatana wa hina // A vhana vha wena, vhayo ku vhitana / Oooh vhayo ku vhitana / Vhayo ku vhitana / Tatana wa hina // Aaaah Yésu, amem / Amem / Ohhhh rhumela móyó / Rhumela, rhumela móyó, rhumela / Oooh rhumela móyó / Rhumela, rhumela moyó, rhumela / Oooh rhumela móyó / Rhumeela, rhumela móyó, rhumela.

¹⁷ Namutla kuta hisa / Tsunekela / Tsunekela / Tsunekela / Oooh Namutla kuta hisa.

Ao ouvir os torcedores entoar esse cântico, mais se parecem regulados por um sentido de animismo em relação à natureza, como se o elemento solar fosse dotado de alma/espírito, e que este poderia influenciar no devir, corroborando, assim, a ideia enunciada aqui de que a atuação dos torcedores durante o espetáculo futebolístico, por vezes, é mesmo um grande ritual, pautado também por aspectos míticos e religiosos, no qual a música é preponderante.

Hinos e cânticos de futebol em Moçambique e Angola – continuidades e discontinuidades

Pesquisar letras de hinos e de cânticos de futebol continua sendo um verdadeiro desafio. Em geral, a falta de fontes fidedignas e que contenham informações precisas sobre tais hinos e cânticos, seja em relação à origem da composição e aos compositores, obstaculiza tal trabalho.

No caso específico dos hinos e cânticos de clubes de Angola e, respectivamente, de Moçambique, constatamos que esse quadro é ainda mais complexo, o que demanda procedimentos que auxiliem no sentido de suprir a falta de fontes. Uma saída, sem dúvida, é o estudo etnográfico, tanto a partir de entrevistas com adeptos dos clubes, quanto a partir da vivência de partidas nas arquibancadas.

Diante disso, foram apresentados os resultados parciais de pesquisa em andamento, a ser ampliada e, igualmente, aprofundada, no sentido de permitir que seja apresentado um quadro que aponte para continuidades e discontinuidades, em termos identitários, em relação à construção simbólica das agremiações antes e depois do processo de independência de Angola e Moçambique. E, conforme foi demonstrado, no caso de Moçambique, isso passa também por questões da língua, em que cânticos são entoados não em português, mas sim em dialeto local.

Embora as letras de hinos e cânticos de futebol em Angola possam apresentar alguns termos oriundos de dialetos locais, percebe-se uma presença maior de composições entoadas em português. E, diferindo dos cânticos do futebol em Moçambique, há menos referências a aspectos oriundos do discurso religioso. São alguns traços distintivos encontrados até o momento, que permitem refletir sobre processos colonizatórios e sobre discontinuidades na construção identitária. Sem dúvida, mais uma vez, o futebol se presta à função de chave de leitura para as sociedades, seja pelo viés da cultura, seja pela riqueza da arte de vibrar e de expressar identidades.

Referências

- BITTENCOURT, M. Jogando no campo do inimigo: futebol e luta política em Angola. In: MELO, V. A.; BITTENCOURT, M.; NASCIMENTO, A. (org.). *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 101-132.
- CALDEIRA, R. A. *Maria de Lurdes Mutola*. Maputo: Plural Editores, 2013. (Coleção Personalidades Moçambicanas).
- CALONGO, C. Eles merecem mais. *Jornal dos Desportos*, 15 nov. 2012. Disponível em: http://jornaldosdesportos.sapo.ao/19/0/eles_merecem_mais. Acesso em: 13 jan. 2020.
- CARDÃO, M. A Star is Born: Eusébio, Football, and Ideology in the Late Portuguese Empire. *The International Journal of the History of Sport*, 02 jan. 2019. Disponível em: doi.org/10.1080/09523367.2018.1534829. Acesso em: 05 jan. 2020.
- COMO NASCEU o nosso clube. Clube Desportivo 1º Agosto (site oficial). 2019. Disponível em: www.primeiroagosto.com/index.php/o-clube/historia. Acesso em: 07 jan. 2020.
- CORNELSEN, E. L. Literatura, música e futebol: um olhar transdisciplinar. In: HOLANDA, S. A. O. et al. (org.). *Amazônia, cultura, linguagens*. Curitiba: CRV, 2011. p. 129-154.

CORNELSEN, E. L. Futebol, música e literatura: uma análise dos hinos dos clubes esportivos brasileiros. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 66, n. 2, jun. 2014a.

CORNELSEN, E. L. Hinos de futebol em Portugal: dos hinos marciais aos populares. *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 106-121, jan./jun. 2014b.

CORNELSEN, E. L. “Tudo em família com a Paz do Senhor”: certa vez, no Estádio Salazar. *FuLiA / UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 126-138, 2018.

DOMINGOS, N. O campo de desportivização imperial português. In: NASCIMENTO, A. et al. (org.). *Esporte e lazer na África: novos olhares*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. p. 81-107.

DOMINGOS, N. Das relações entre escrita e performance: o futebol em Moçambique colonial. *Projeto História*, São Paulo, n. 49, 2014.

DOMINGOS, N. *As linguagens do futebol em Moçambique: colonialismo e cultura popular*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

FERRÃO, B. Girabola resiste ao tempo. *Jornal dos Desportos*, 11 mar. 2011. Disponível em: jornaldosdesportos.sapo.ao/23/0/girabola_resiste_ao_tempo. Acesso em: 14 jan. 2020.

FRANCO JÚNIOR, H. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIULIANOTTI, R. O esporte no continente africano: panorama. In: MELO, V. A.; BITTENCOURT, M.; NASCIMENTO, A. (org.). *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 13-35.

GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2018.

GONÇALVES, J. Esporte em Angola: do ultra colonialismo à independência. In: MELO, V. A.; BITTENCOURT, M.; NASCIMENTO, A. (org.). *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 133-158.

HINO oficial do Atlético Petróleos de Luanda. [198-?]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ovm1d8evkiY>. Acesso em: 07 jan. 2020.

HINO oficial do Clube Desportivo 1º de Agosto. [197-?]. Disponível em: www.primeiroagosto.com/index.php/modalidades/item/4312-aprenda-a-cantar-o-hino-clube-desportivo-1%C2%BA-de-agosto. Acesso em: 07 jan. 2020.

MARZANO, A. Práticas esportivas e expansão colonial em Luanda. In: MELO, V. A.; BITTENCOURT, M.; NASCIMENTO, A. (org.). *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 71-99.

NASCIMENTO, F.; MARZANO, A. O esporte nos países africanos de língua portuguesa: um campo a desbravar. *Tempo*, Niterói, v. 19, n. 34, p. 1-10, jan./jun. 2013.

O NOSSO clube. Clube de Desportos da Costa do Sol (site oficial). 2020. Disponível em: www.costadosol.co.mz/. Acesso em: 28 jan. 2020.

PEREIRA, M. S. “Beijo a mais, miolos a menos...”: representação, repressão e lazer dos grupos africanos subalternos nas páginas da imprensa de Lourenço Marques (1890-1910). *Esporte e lazer na África: novos olhares*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. p. 37-61.

PÍNDARO. *As odes olímpicas de Píndaro*. ed. bilíngue, trad. Glória Braga Onelley e Shirley Peçanha. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

ROCHA, A. Desporto, sociedade e construções identitárias em Moçambique: uma abordagem prospectiva. In: NASCIMENTO, A. et al. (org.). *Esporte e lazer na África: novos olhares*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. p. 213-240.

RODRIGUES, Á. N. (Zé de São Januário). Tudo em família na Paz do Senhor. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, n. 12247, p. 4, 1968.

SALA de troféus. Clube Desportivo 1º Agosto (site oficial). 2019. Disponível em: www.primeiroagosto.com/index.php/o-clube/palmares. Acesso em: 07 jan. 2020.

SILVA, S. B.; SILVA, R. P. História do Petro Atlético de Luanda. *Campeões do Futebol* (blog), 18 abr. 2018. Disponível em: www.campeoesdofutebol.com.br/petro_atletico.html. Acesso em: 13 jan. 2020.

VIDACS, B. O esporte e os estudos africanos. In: MELO, V. A.; BITTENCOURT, M.; NASCIMENTO, A. (org.). *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 37-69.

VISENTINI, P. F. *As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.